

Teatro - Duas estréias

“L’Uomo, la Bestia e la Virtu” no TM

O homem, a bestia e a virtude — como observaram todos os espectadores da representação de anteontem no Teatro Municipal — são, respectivamente, o “transparente Professor Paulino”, o “Capitão Perella” e a “a virtuosa senhora Perella”. Mas o drama, que precipita a farsa, é que o capitão, há cinco ou seis anos, desde que, entre uma viagem marítima e outra, estabeleceu um segundo lar em Nápoles, não se tem mostrado em absoluto bestial em relação á pobre senhora Perella. Ora, o recato desta, o seu pudor de mulher humilhada, tiveram o dom de despertar a comisseração do honestíssimo Professor Paulino. Deste encontro de duas virtudes, como não raro acontece, brotará um fruto. É preciso, pois, induzir o capitão Perella, ao menos por uma noite, a mostrar-se menos insensível aos desprezados encantos de sua esposa.

Sobre essa situação de comédia renascentista, quase tão impudente quanto a de “La Mandragola”, de Maquiavel, inclusive no uso de afrodisíacos, pretendeu Pirandello escrever uma farsa grotesca. O fundo, sem dúvida, é amargo. Baseia-se na constatação de que a natureza não se deixa dividir tão fácil e ordenadamente como sugere o título. Ao contrário: em cada homem esconde-se uma parte de “bestia” e outra de “virtù”. Não há qualquer hipocrisia no procedimento da senhora Perella e do Professor Paulino, este é o ponto paradoxal que Pirandello deseja salientar. Moralmente,

se os compreendemos bem, estão acima de qualquer mácula. Mas o homem é constituído de tal maneira, afetividade e sensualidade confundem-se tão intimamente nas suas entranhas, que é muito difícil, em certas circunstâncias, não deslizar de um plano para outro. O professor, que é um idealista exaltado, um espiritualista, não tem senão horror pelo capitão — e por si mesmo, na medida em que os seus melhores propósitos sucumbem diante da sexualidade. Não se trata, portanto, de julgá-lo dentro da moral convencional, que não vê os casos concretos, a realidade psicológica. O maximo que podemos fazer é perdoar a fraqueza humana, da qual certamente participamos. A ultima palavra, se fosse proferida, seria de simples compaixão, como em todo o teatro de Pirandello. Mas não chegamos a ouvi-la, porque o escritor siciliano, como diziamos, preferiu encerrar esta substancia de drama num envolvero de farsa, num enredo classico de comedia.

O primeiro ato explora, com graça e senso dramático, a relação entre o Professor Paulino e a senhora Perella, nucleo real da peça. Os outros dois limitam-se praticamente a contar a historia em termos mais ou menos picantes. O segundo é uma longa expectativa: comerá ou não comerá o Capitão o bolo? O terceiro, outra longa expectativa: terá ou não produzido efeito o afrodisíaco? Decai o ritmo, há cenas de enchimento, desnecessárias, retardando artificialmente a ação.

A verdade é que Pirandello não era um mestre deste tipo de peça, que vive principalmente de truques, de surpresas. A comicidade, no teatro, está no incidente, na frase inesperada, não na linha geral do enredo. “L’uomo, la bestia e la virtù” é dessas comedias que parecem mais engraçadas resumidas do que representadas. É um excelente conto (“Chamando ás ordens”, é o seu titulo em português) e uma peça apenas sofrível.

É necessario também que se diga que a encenação do Teatro Estavel de Turim não

a ajudou. Ernesto Cortese dirigiu-a como peça de época, salientando alguns elementos grotescos (a mascara da sra. Perella, por exemplo, tão de acordo com as teorias teatrais da época) que estavam em moda em 1919 mas perderam rapidamente a significação.

Filippo Scelzo, no papel de Perella, tornou a dar a impressão de ator que fica na periferia, gesticulando muito, inflexionando muito, mas sem força intima de convicção. Já Renzo Giovampietro, como o Professor Paulino, esteve magnifico, representando como se deve na farsa: com o maximo de empenho, de seriedade aparente, de falsa dramaticidade. Para os outros, pode ser uma comedia; para ele é uma tragedia tenebrosa — e é isso que nos faz rir. Edda Albertini foi uma “virtude” apagada, caseira, passiva, como a imaginou Pirandello, e Gianni Mantesi fez bem o amigo que custa a levar a serio o drama do protagonista.

Os cenarios de Eugenio Guglielminetti tentam resolver, com regular exito, aquele velho problema do teatro: retratar com bom gosto o mau gosto, e com modernidade, o anacronismo.

“Revolução na America do Sul”

D. G.

Ninguém deve se iludir com a peça que Augusto Boal escreveu e José Renato dirigiu e apresentou ontem no Teatro de Arena. Comedia, farsa, satira, revista, circo e mesmo chanchada, pensarão muitos. Talvez tudo isso, mas alguma coisa mais, muito mais: documento e protesto, grito de alarma, brutal e crua denuncia contra os nossos politicos, contra um estado de coisa que tende a se eternizar em nosso País.

José da Silva, o operario não politizado, desconhecedor de seus problemas e das soluções que poderiam salvá-lo — como diz o autor — morre ao terminar a peça e morre simplesmente de fome. Mas a fome de José da Silva não é apenas de comida. Sua fome transcende a isso para refletir a absurdo kafkiano em que se encontra o homem do povo frente aos interesses politicos que dominam o País.

Augusto Boal não recua ante nada para transformar sua peça num panfleto de denuncia: usa a tecnica do circo, da revista, da farsa, enfim, todos os meios para atingir em cheio ao fim a que se propôs. Sua peça chocará certamente os bem pensantes. Os exegetas, os esteticistas, terão um muchocho de desprezo ante as soluções por ele encontradas para levar avante o texto, para possibilitar ao diretor a construção do espetáculo. Mas algo ficou patente, agressivamente patente ao acenderem-se as luzes no final: o autor conseguiu o impacto desejado, conseguiu dar o “soco no estomago” da platéia, conforme tudo faz pensar ao assistir ao espetáculo de ontem. Não é, para os que percebem o que se esconde atrás do dialogo aparentemente primario e superficial, uma peça leve, alegre. José da Silva morre e o riso se transforma em esgar na boca do publico. De repente ele compreende que havia algo mais subentendido em todo o decorrer da ação. E se, por acaso, tiver tido tempo de ler o que disse Boal no programa apresentando sua peça, compreenderá o sentido exato de suas ultimas palavras: “... fazer também o espectador participar integralmente da experiencia do homem deste seculo, porque é ele, espectador, que o vive. Este me parece ser o grande caminho do teatro moderno. Pouco importa se vou para ele ou não: importa que gostaria de penetrá-lo”.

Uma palavra ainda para a direção e os atores: José Renato, em sua primeira encenação ao voltar da Europa, apresenta trabalho mais acabado de sua carreira, colocando-se entre os nossos melhores diretores e os artistas do Arena, uma vez mais demonstraram suas qualidades de interpretes e sua grande versatilidade.

Esta ligeira nota, escrita logo após o espetáculo, pode parecer ao leitor extremadamente laudatoria e entusiasta. Seja. Poucas vezes é dada ao critico a satisfação de poder deixar o bitolamento das apreciações frias, para entusiasmar-se com o trabalho de um nosso autor.

Proximamente voltaremos a falar sobre a peça e o espetáculo de ontem, com mais serenidade e calma.